

Gratias Tibi ago, Domine, vidi rem novam.

relo menos três vêzes pode ser descoberta uma língua que não é a materna. A primeira vez, quando o barco linguístico se aproxima das praias da nova terra, quando se vislumbra, no horizonte, a forma exótica das palavras e frases, e quando se desvendam ao ouvido as melodias estranhas. É uma sensação a um tempo comovente e inquietante, e que pode ser explicada, aproximadamente, da seguinte maneira: Foi descoberto um mundo novo, cujos habitantes, se transferidos para a terra da nossa língua, estariam perdidos como indígenas no meio de uma cidade moderna. Isto comove. E foi descoberto um mundo novo, dentro do qual nós mesmos estaríamos abandonados e reduzidos ao estágio infantil, se tivessem a coragem de invadi-lo. Isto inquieta. Que esta sensação é real, ~~o~~ comprova o comportamento diante de pessoas que não falam a nossa língua, e o nosso comportamento num meio que fala uma língua que não compreendemos. Diante do infeliz que não nos enten de assumimos uma atitude condescendente. Ele é um cruzamento entre um imbecil e uma criança, um selvagem nú perdido no asfalto. Diante um grupo que fala uma língua incompreensível assumimos uma atitude de defesa ofendida, como se se tratasse de um grupo de conspiradores sinistros que tramam contra nós e que dispõem de armas poderosas, contra as quais a nossa simplicidade honesta não prevalece. Em outras palavras, assumimos a atitude do selvagem nú perdido no asfalto. A descoberta de uma nova língua equivale à descoberta da América, mas de uma América habitada por selvagens e dentro da qual nós seremos como selvagens.

A segunda descoberta, quando, já desembarcados, ~~nós~~ começamos a orientar-nos dentro do território, revela a engrenagem da língua. Ela se apresenta como uma máquina supercomplicada, cheia de regras e de exceções, e a complicação está fora de proporção com o resultado por nós alcançado. Sentimo-nos diante dessa máquina aproximadamente como uma dona de casa se sentiria diante de um avião a jato, posto ~~o~~ sua dispor para ir ~~o~~ feira. Nessa fase somos tomados de uma profunda antipatia contra a língua, porque a sua recusa de ser domada nos parece ser pura má vontade e obstinação irrazoável. Mas, à medida que progredimos dentro do labirinto de rodas, alavancas, correias e chaves, a nossa atitude sofre uma modificação misteriosa. A máquina adquire vida, as rodas se transformam, sutilmente, em braços e pernas, as alavancas em órgãos internos, as correias em músculos, as chaves em nervos. As regras complicadas e as exceções enervantes desaparecem como fumaça e descobrimos que elas nunca existiram. Eram invenções de engenheiros civis e militares que pretendem apresentar a língua como máquina de construção ou de guerra, quando na realidade é um organismo vivo e belo. A nossa antipatia se transforma em simpatia, a qual nos permite não sómente ~~de~~ nos utilizarmos da língua, mas até ~~de~~ modificar-lhe as regras dentro de limites razoáveis.

A terceira descoberta, rara e preciosa, é feita quando a nossa simpatia pela língua se transforma em amor, quando queremos ser abraçados por ela, quando a desejamos e queremos possuí-la. Isto acontece quando não mais a encaramos como instrumento, mas como matéria prima a ser transformada em partes do Eu, quando escrevemos nela. Queremos penetrar na língua, queremos misturar-nos com ela, queremos inspirar-lhe o nosso espírito e ser inspirados pelo seu espírito, para que, desse ato criador, nasça um novo ser, filho tanto nosso como ~~nos~~ seu. Duas coisas acontecem durante esse ato amoroso: a nova língua amada se revela caprichosa, ora se oferecendo impudicamente, ora se recusando castamente, ora se afastando misteriosamente. E não sabemos se este comportamento da língua é sincero ou fingido, se, quando se oferece, não está nos enganando, e, quando se recusa, não está se rendendo. E a segunda coisa que acontece é o ciúme repentino e inesperado da nossa língua materna. Até aqui ela tinha nos ajudado ~~no~~ no nosso caminho até a língua nova, tinha nos servido de ponte e de mapa. Agora ~~se~~ rebelde, se imiscue, antepõe-se à nova língua, lhe tapa o rosto e prende os braços. E em auxílio da língua materna vêm todas as línguas que já possuímos, um coro de amantes enganadas a quebrar a harmonia do nosso duetto com o amor novo. É nesse estágio que me encontro na minha "affaire" com a língua portuguesa.

Tentando analisar, friamente, sine ira et studio, os três estágios de descoberta, diria o seguinte: A primeira descoberta revela um mundo de fenômenos, portanto um mundo incompreensível e isento de sentido e significado, mas um mundo a ser vivido como experiência imediata. A primeira descoberta revela o "aistheton", a vivência, o lado estético da língua. E, como todo conjunto de fenômenos sem significado, é um mundo a um tempo primitivo e temível. A segunda descoberta revela o caráter simbólico da nova língua. Ela se torna, progressivamente, apreensível e compreensível. As diversas partes da nova língua adquirem um significado, paralelo mas diferente do significado da nossa língua materna. Ela se revela como mais um instrumento a dar significado ao mundo. A terceira descoberta revela a ontologia da língua. Esta descoberta se recusa a ser formulada em palavras, trata-se de uma vivência, mas em grau mais profundo do que a primeira descoberta. Meia o nosso espírito se abandona à sabedoria escondida no fundo da língua, se esquece dos moldes da sua língua materna para adaptar, plasticamente, as matizes da nova língua. A língua não mais significa o mundo, ela própria se torna o mundo. Ela deixa de ser simbólica para se tornar fenomenal novamente, mas, desta vez, ela não é um fenômeno do mundo externo, é um fenômeno a ser experimentado introspectivamente. Creio que se essa experiência for bem sucedida, trará consigo uma existência nova do eu, toda uma vida nova. É assim que deve ser compreendida a famosa frase: "vivemos tantas vezes, quantas línguas falamos."

Tinha ficado

Tendo feito a minha confissão de amor para com a língua portuguesa e tendo analisado este amor (infelizmente unilateral, como receio), passo a contar diversos episódios do meu romance. Aqueles que com ela convivem mais intimamente e mais domesticamente, que a conhecem portanto como matriarca e mulher virtuosa, que se desculpem as minhas revelações indecorosas. Ela se mostrou, para mim, como mulher ardente e misteriosa. Talvez ficou excitada por minha origem exótica e mestiça, por minha raça virata que eu próprio não sei definir, mas dentro da qual prevalecem os elementos germânicos e eslavos.

O que despertou o meu amor violento, não foi, como talvez muitos possam pensar, a sua forma externa, a sua melodia, a riqueza em vogais, a facilidade enganadora com a qual ela se rende á boca. Muito pelo contrario, fiquei, durante muitos anos, repellido por essa exuberancia externa, que escondeu, aos meus olhos, a sua profundeza calma e escura. ~~xxx~~ O meu amor nasceu quando, pela primeira vez, me senti intimamente tocado pela trindade de verbos "estar", "ser" e "ficar", essas três pessoas da realidade. Tinha eu lutado e me revoltado contra os monstros verbais de um Heidegger e um Jaspers, que pareciam querer encantar a realidade por sua feiura e abnormidade. A minha mente se tinha tornado vitima de dragoes como "Anwesen", "Vorhandensein", "Zuhandensein", "Wesenheit", por todos esses vermes germanicos que o Siegfried existencial tinha matado, e por seus antepassados gregos, pelos "onta", pelos "hyle", pelos "aletheia", que o mesmo Siegfried tinha evocado numa noite classica de Walpurgis, quando me senti suavemente tocado pela mão gentil e meiga da lingua portuguesa. "Vamos deixar como está", ela sussurrava, "para ver como fica." Diante da minha visão interna, os monstros germanicos dissolveram no ar, as hydras gregas se esconderam na sua lama primordial, e apareceram, solidos, calmos, autênticos e simples, o "ser", o "estar" e o "ficar", os pilares da ontologia.

Não tenho duvida que a confusão mística dos pensadores existenciais alemães, e o fervor do nojo dos pensadores existenciais francezes se evaporariam, se estes se decidissem aprender o portuguez, e acompanho com estupefação as tentativas (alias impossiveis) de alguns escritores brasileiros de traduzir essa confusão e esse fervor para a sua lingua. A confusão e o fervor sao resultados das ontologias das linguas alemã e franceza, inimigas do existencialismo. A lingua portugueza, no entanto, tem uma ontologia superheideggeriana, e todos nós, que falamos por-

túguez, somos automaticamente filósofos existenciaisistas. Quando a telefonista diz displicentemente: "Ele não está, ele não tem hora." ela exprime inocentemente todo um complexo de problemas, (e o exprime impecavelmente) que Heidegger nunca exprimirá, mesmo se "Sein und Zeit" fossem completados. Os filósofos podem escrever tratados e ensaios profundos sobre o carater existencial dos valores, sobre uma axiologia antimetafisica e assim por diante, <sup>PODEM</sup> nunca chegarão à simplicidade definitiva e concludente do "está bem", pronunciado por uma menina. Podem pesquisar os aspectos ontologicos do tempo e do espaço, <sup>PODEM</sup> nunca encontrarão uma formula tão convincente como: "Fica na rua Direita". Podem perscrutar as regies nebulosas da essencia e da existencia, podem "nach der Wesen Tiefe trachten", e negar <sup>PODEM</sup> a realidade de uma ou de outra, <sup>PODEM</sup> nunca resolverão o problema como a frase seguinte: "ele é corajoso, mas está com medo". Creio que a lingua portuguesa, em sua inocencia ontologica, clama por um filosofo que a possua sem violenta-la, e que proclame ao mundo as belezas do "ser", do "estar" e do "ficar", numa especie de "prolegomenon a todo futuro existencialismo". Mas, entende-se, uma tal filosofia seria intraduzivel e clamaria, portanto, no deserto.

O RESOLVE

Assim começou o meu romance. Com a descoberta do verbo "deixar" aprofundou-se. Tinha eu subido e descido pelas escadas de Wittgenstein, desesperadamente me recusando a queima-las como Wittgenstein recomenda. Este Don Juan da lingua, que não amava <sup>PODEM</sup> lingua alguma, somente amava o amor da lingua, e portanto destruía as linguas á medida que as possuía, me tinha seduzido e puxado até a beira do abismo. Do fundo desse abismo me tocava o halito gelado do mutismo definitivo, quando me tocou suavemente o dedo da lingua portuguesa, e me falou ao ouvido "Deixa disso". Com esse verbo encantado, que ultrapassa o ativo e o passivo em forma dialectica, acumulando em seu colo a máxima atividade com a máxima passividade, fiquei liberado do formalismo esteril e impotente do formalismo logicista. Para sentir a riqueza salvadora desta palavra magica, é preciso comparar as seguintes frases: "Deixei de ser vendedor", "Te deixo", "Deixe estar", "Deixe que o faça", "Deixe de bobagem", "Deixou mil contos", "Deixou escapar estas palavras", "Não me deixa em paz" e assim por diante. É difficil dizer o que há de comum nesses deixares, aparentemente tão diferentes. Mas é evidente que eles todos reúnem um carater negativo de atividade e de passividade. "Deixar" é um ato da vontade de suspender-se si mesma, e o supremo esforço da vontade <sup>PODEM</sup> superar-se, aniquilando-se nesse esforço. O que o buddha almeja em suas meditações aparentemente passivas, é alcançar o "deixar de ser algo" para "deixar estar tudo". O que Husserl tem em mente na sua "Schau" do "Das Ding Ding sein lassen" é "deixar como está para ver como <sup>PODEM</sup> fica".

Dizem que as linguas semiticas dispõem de formas gramaticais que não são nem ativas nem passivas. São formas sem verbo. "Yesh li naara" = "Há mim garota" dispensa o "yesh" e "Li naara" seria portanto traduzido como "Tenho uma garota" ou "a garota é tida por mim". Não conheço suficientemente o hebraico para poder experimenta-lo no meu intimo, mas creio ~~que~~ se trata de uma forma pre-ativa e pre-passiva, do humus do qual brotou a atividade e passividade, a obra e a paixão, para falar teologicamente. (As linguas semiticas pedem, creio, na sua análise, um pouco do sal e da pimenta da teologia). Mas o portuguez, na palavra "deixar", possui a síntese dessas duas formas. Essa palavra representa, se experimentada a fundo e em toda sua riqueza, a atividade apaixonada e a paixão ativa. O alemão "lassen" o frances "laisser", o inglez "to let", o italiano "lasciare" (todos os quatro da mesma raiz) são sombras fracas da palavra portuguesa. O eslavo "nechat" é uma palavra radicalmente diferente. É por isso que a palavra "deixar" me deixou de amores pela lingua portuguesa.

Esses amores se transformaram em paixão ativa quando vislumbrei, pela primeira vez, a palavra "graça" em tôdas as suas metamorfoses. Tinha eu me rebelado contra o conceito da graça contido no pensamento cristão com tôdas as suas consequências, inimigas da liberdade. A consequência logi-

Esses

ca me tinha forçado a concordar com os calvinistas, que ligam a aceitação da graça com a convicção de que a vontade humana é ilusão e as obras humanas são inoperantes. A graça dentro do pensamento cristão é realmente um elemento determinan<sup>tes</sup> e exclu<sup>í</sup>, se analisado em todas as suas conseqüências, a liberdade humana. As tentativas católicas e de protestantes menos radicais são, creio, paliativos. Não conheço bastante bem os fundamentos do pensamento islâmico, e o que sei <sup>do</sup> conceito oriental de "karma" não é suficiente. Mas creio que o conflito entre a graça e a liberdade pervade todo o pensamento humano. Somente quem se resolver <sup>de</sup> abrir mão da graça, como o fazem os judeus, ou aqueles que identificam a liberdade com a soberba, <sup>com</sup> hybris, como o fazem os gregos, podem, em sua consciência ser indeterministas ou deterministas. Os outros são prisioneiros entre as grades da graça e liberdade. Eu também me revoltava dentro do círculo vicioso que gira da necessidade para o acaso, e do destino para o milagre. Veiu a lingua portuguesa, e, sorrindo, me disse: "Deixe disso, isto não tem graça".

Vejam de que maneira sutil a lingua portuguesa nos pega pela mão para nos conduzir para fóra do círculo vicioso. ~~MTXXXXXXX~~ "Isto não tem graça", "graças ao governo federal a estrada foi (ou não foi) concluída", "Sarei, graças a Deus", "este pão é de graça", "Achei graça nisto", "Que menino engraçado", "ele é um engraçadinho", "deixe de ser engraçado", "que desgraça terrível", "o desgraçado matou sua mulher" "Ave Maria, cheia de graça (mas não: Ave Maria, engraçada)", e assim por diante. Aprofundando-me nesse conceito tão cheio de significados aparentemente tão disparados, encontrei ~~neto~~ uma síntese criadora da causalidade com o voluntarismo. Na forma "graças ao governo federal etc" aparece a palavra em sua forma causal, o governo é a causa, a estrada é o efeito. Na forma: "este pão é de graça" aparece a palavra em seu caráter milagroso e não causado; o pão será meu sem compensação, A lei da necessidade, o "do ut des" é negado neste contexto. As outras formas superam esta dicotomia, e subtraem o problema do campo da lógica e da ética, para transferi-lo ao campo da estética. E o fazem de uma forma aut<sup>ntica</sup>, sem ~~em~~ o minimo patos. A palavra "graça" perde toda a sua pompa e sua falsa seriedade, que tem o alemão "Gnade", o inglês "grace", e perde a submissão sexual que tem o checo "milost". A graça, em português, não inspira medo, como ~~no~~ inglês ou ~~alemão~~ "His Grace, Euer Gnaden", nem submissão abjeta "milostivá paní" como em checo. Em português a graça inspira o riso. Ela admite, ~~em português, não~~ ser exagerada e cair no ridículo, porque, ~~em português, ela~~ revela o lado estético do destino. "Maria gratia plena" inspira uma serie de sentimentos religiosos, Maria engraçada é uma menina, Ela fez uma cambalhota e caiu do céu para o meio da rua. Deixo ~~fo~~ ouvido interno do leitor de descobrir os acordes secretos de todas as outras formas de palavra "graça" por mim citadas ou esquecidas.

O meu romance com a lingua portuguesa consiste ~~de~~ uma infinidade de idílios amorosos, como os três que acabo de contar. Todo ~~o~~ dia lhê descubro novos encantos, e ~~todo dia~~ novos misterios inexplicaveis me aparecem no seu vulto enigmático. Quem sabe, um dia alguém mais autorizado do que eu pintará um retrato ontológico da minha amada, Mas ~~o~~ previno que ela é muito irrequieta e será difícil conseguir que ~~ela~~ mantenha ~~uma~~ pose. Na falta desse alguém, possivelmente, no futuro, eu mesmo, com minhas modestas tintas, tentarei esse retrato. ~~Quando~~ <sup>quando</sup> ~~a~~ conhecê-la um pouco melhor, e se ela deixar que eu <sup>me</sup> aproxime, mais intimamente ~~dele~~. Até lá, "paciencia;" alias uma outra palavra que ilustra bem a sua beleza.